

CONFLITO ... OU ENCONTRO DE GERAÇÕES?

O conceito de "geração" intervém com grande peso na nossa apreciação dos factos correntes.

Critica-se um ou outro aspecto do sistema político? - Logo esse circunscreve a crítica à geração que está no poder.

Esboça-se uma esperança nos ideais de progresso técnico ou de justiça social que acalentamos? - Logo ela incarna e ganha foros de messianismo numa geração conhecida.

Surtem dificuldades na vida de família entre pais e filhos? - Logo uns e outros se consideram incompreendidos da outra geração.

Encontramos gostos, afinidades, aspirações comuns nos companheiros de estudo ou de trabalho? - Logo proclamamos o vínculo a unir-nos de uma mesma geração.

Discordamos de outros, notamos com impaciência a impenetrabilidade mútua de opiniões e conceitos? - Logo os repudiamos como pertencendo a outra geração ainda que nos tenhamos sentado juntos nos bancos da escola...

### Fundação Um só responsável: a "outra geração"

Insensivelmente cristalizamos comportamentos individuais ou fenómenos sociais em grupos de pessoas, irremediavelmente ligadas no nosso juízo a determinadas tendências ou expressões. Assim, quando no nosso "tribunal privado" se realizam os julgamentos com que iludimos a nossa parte de responsabilidade no evoluir do mundo à nossa volta (da economia à arte contemporânea, da crise da Universidade à vida de família) encontramos sempre para sossego da nossa consciência um réu comum: a "outra geração".

Podem faltar-nos muitas vezes as fontes de informação adequadas. Faltar-nos-ão outras vezes o esquema mental, o referencial de pensamento que permita emitir com equilíbrio juízos de valor. Pois, mesmo assim, não hesitamos em atribuir com azedume a responsabilidade do que criticamos a tal ou tal característica da "outra geração", como se tudo se passasse na sequência simples de causa a efeito...

Em breve, todos os erros, fracassos, atrasos, falta de visão



ou de dinamismo têm uma só causa, um só responsável - a "outra geração". E como a nossa actividade "jurídica" está longe de ser desapaixonada, de juízes fãcilmente passamos a adversários irreconciliáveis.

Na génese do conflito, uma reacção em cadeia

Não admira que esta atitude crítica, ampliada dos indivíduos aos grupos, dos grupos às nações, tome proporções de verdadeiro conflito, de antagonismo aberto entre elos sucessivos da cadeia humana.

Não se trata de fenómeno esporádico nem localizado num único ponto. Não faltam, em todas as latitudes, as discussões soboe as manifestações de grupos que revelam uniformemente caracteres semelhantes.

E até não falta quem, tomado por essa atitude crítica, identifique toda uma geração a certos aspectos exteriores de comporta ento - a semelhança entre os ~~StessyStessy~~ "teady-boys", os "blouson-noirs" e os "beatniks" ou a repetição monótona da epidemia BB dão satisfação a essa crítica superficial.

Tais fenómenos não são, porém, senão uma caricatura do verdadeiro problema. Não é aí, no exibicionismo ~~Stessy~~ irracional ou na descon tracção-quase-delinquência, que reside o aspecto mais sério da questão.

É na oposição latente entre dois grupos que o problema se situa. A atitude crítica de uns perante os outros actua à maneira de catalizador de uma reacção que nada parece poder deter.

Por um lado, afinidades de gosto, de formação, de capacidade criadora ou de simples mimetismo, irmanam indivíduos num sentimento comum de solidariedade.

A existência dessa solidariedade em breve excita a atitude crítica dos "outros". Desenrolam-se entao, numa sucessão cíclica, as outras fases do processo: a resistência ou crítica dos "outros" estimula a agressividade de elementos do grupo, leva-os a tomarem uma consciência cada vez mais aguda dos aspectos comuns (exagerando-os até, porventura), torna o vínculo mais forte e suscita inevitavelmente a hostilidade crescente do meio, da "outra geração".

Assim se erguem barreiras psicológicamente intransponíveis entre pais e filhos, educadores e alunos; assim se provocam fenómenos sociológicamente incontroláveis entre grupos, classes, instituições



Tentar fugir ao conflito, através duma emancipação radical ou duma ignorância ceudescendente, não faz senão agravá-lo. Os problemas postos na "scandinávia ou nos Estados Unidos por uma juventude completamente cortada da geração dos mais velhos não ajudaram a resolver a questão - antes introduziram elementos novos cujo entendimento verdadeiro escapa a uns e a outros. Nem tão pouco traz solução conveniente o encandeamento da juventude em ideologias redentoras, através da aplicação, em base afectiva, dos métodos fundamentais do "brain-washing" - a agitação latente na juventude da Alemanha Oriental ou o conflito violento da geração de 50 na Hungria atestam-no claramente.

### A realidade quântica da História

E nesse conflito que opõe valores em vez de os harmonizar, que quebra relações quando a lei natural exige a sua estabilidade, que em vez de uma evolução gradual cria descontinuidades irreparáveis - nesse conflito compromete-se o próprio processo de crescimento espiritual da humanidade.

Na curva ascendente do progresso da humanidade, cada geração representa, enquanto tal, um somatório de valores "novos", a actualização de valores só potencialmente presentes nos elementos individuais que a compõem. Pretender desmembrar o somatório nas suas parcelas é ignorar o próprio processo histórico e impedir o pleno florescimento dos indivíduos.

Não que a consciência de pertencer a uma geração produza espontaneamente génios, artistas ou santos,.. Mas fornece o quadro, a ambiência, a simpatia, o estímulo, (os americanos diriam a "challenge") em que o génio se concretiza, a arte se revela e a santidade desabrocha...

Quanto à História, ela constroe-se com a contribuição complementar de cada geração - a experiência vivida por uns e filtrada através do seu condicionalismo próprio ao ser assimilada por outros em bases novas não pode deixar de conduzir a um estágio mais avançado da "consciência colectiva" dos homens. Ou, situando este aspecto da História no contexto do pensamento de S. Paulo, diríamos que é através da contribuição específica de cada geração, como de cada homem ou de cada comunidade, que se processa a "construção do Corpo de Cristo, no termo da qual todos juntos devemos ser um só, na fé e no conhecimento do Filho de Deus e consistir o Homem perfeito, na maturidade, que realiza a plenitude de Cristo. (Ef. 4, 12)



A visão da História como um todo implica que cada geração não possa ser unicamente olhada na sua singularidade mas na continuidade em que essa singularidade se situa.

É não só a natureza física mas também o mundo dos homens que se movimentam num universo quântico. A continuidade, o processo de crescimento, a evolução, assentam em descontinuidades, em saltos bruscos, em variações inesperadas.

Reconhece-lo é já aceitar a irreverência intrínseca das "nouvelles vagues" e acreditar implicitamente que, para além de exageros e deformações, elas trazem em si uma nova visão do mundo.

Reciprocamente, a consciência de protagonista do "salto" obriga cada nova geração a reconhecer a plataforma de partida como elemento vital do sistema de referência que lhe norteia as atitudes e opções.

#### Duas respostas necessárias ao mundo

Aliás, uma observação, mesmo sumária, do mundo de hoje faz descobrir a necessidade da presença das duas gerações em confronto.

Fala-se, por um lado, da instabilidade do mundo: desorientação dos grandes dirigentes, insegurança da vida social, abalo de todas as escalas de valores, desmoronamento de convicções...

Não pedirá essa instabilidade o respeito dos valores adquiridos? Não reclamará essa instabilidade a força da tradição na sua missão insubstituível de elo entre os homens, se qual todas as suas aquisições culturais se esboroam e as suas instituições perdem significado? Não dará resposta a essa instabilidade uma geração que ainda acredita em princípios, que ainda é capaz de distinguir as ideias dos factos, de esclarecer situações, de restituir aos acontecimentos a proporção que lhes é devida, de fornecer o referencial que permita formular juízos e realizar escolhas? - Não é possível construir uma sociedade nova sem esse elemento aferidor; e se houver uma geração que especialmente o concretize ela tem que ser aceite por exigência do equilíbrio do edifício cultural e social.

Por outro lado, o mundo de hoje é um mundo consciente do existencial, Não se satisfaz mais com puras especulações, com mero enunciado de princípios. as ideologias que movimentam multidões dirigem-se ao concreto, ao vital, ao que é objecto da experiência. Em todos os sectores da actividade humana há uma tendência totalizante que abarca



mente o pensamento ea vida, a teoria e a viabilidade da sua aplicação, os princípios e as situações em que eles tomam forma.

Perante essa tendência uma geração era requerida - uma geração que "tomasse à letra" todas as teorias a que aderisse, que vivesse na inquietação por todas as situações absurdas, que, embora talvez limitada no seu desejo de especulação teórica, fosse radical na sua maneira de viver a vida, que quisesse, embora com ingenuidade, acabar de vez com todos os atrasos, que fosse ao encontro do homem real, do homem que hoje pensa, sofre, ama e morre. - E essa geração veio. Como negar-lhe a existência? Como não aceitar a sua mensagem se ela vem no mesmo comprimento de onda do mundo?

Não pode a experiência do concreto encontrar soluções válidas sem que a norteie os valores; não podem os princípios ignorar a urgência dos problemas nem adiar as soluções. Entre estes dois polos há-de encontrar-se a harmonia de duas gerações cujo significado na História é talvez único.

#### A contemplação, situação do encontro

### Fundação Cuidar o Futuro

A atitude perante o mundo desempenha papel fundamental no confronto entre as gerações.

Não é o mundo que se oferece à contemplação - na beleza, no sonho, nos afectos - não é esse mundo que divide e opõe os homens. Assim o velho e a criança - que contemplam, amam e sonham - caminham de mãos dadas. Solicitude mútua, veneração e abertura de um, compreensão e orientação do outro - nada parece separá-los.

Mas, jovem ou adulto (ao contrário da criança e do velho) o homem não olha unicamente um mundo a contemplar - apaixona-o então um mundo em transformação, um mundo que convida à acção. E é aí na multiplicidade das opções possíveis perante o amorfismo ou a resistência dum mundo a modelar (matéria, instituições, estruturas) é aí que surge o conflito. Quanto mais a acção o estimula tanto mais o homem se projecta nela, "obrigando-se" a uma definição de si mesmo e dos outros homens, da sua relação com eles, da situação de todos no mundo. É nessa projecção na acção que surgem soluções várias e que, ao pretender defende-las e afirma-las possíveis, o homem se agrega a outros homens e toma consciência de pertencer a uma geração comum.



se assim é talvez seja possível atenuar o conflito, não nas suas manifestações, mas no próprio processo da sua gênese. Explico-me melhor.

Se o conflito toma corpo nas opções prante o mundo a transformar, talvez essas opções surjam menos irreduzíveis e incompatíveis entre si quando situadas numa visão do mundo que, a par da transformação suponha a permanência, a par dos elementos materiais ou institucionais suponha os valores espirituais e , a par da acção suponha a contemplação.

"a atitude "contemplativa" perante o mundo, entende-se o pulsa da História, vislumbram-se razões de comportamentos, intui-se a existência dum Plano em que todos os acontecimentos se enquadram. Aí, por um milagre de equilíbrio, harmonizam-se a intransigência na defesa dos valores justos e a serenidade no encontro com aqueles que os ignoram ou deformam. Aí, a consciência exige reflexão antes de permitir que se formulem juízos e desse processo adulto, o ideal que se defende, em vez de sair diminuído, resulta mais purificado, menos exaltado e mais profundo.

na atitude "contemplativa" não se sacrificam os valores em que se acredita a ideais transitórios e falíveis; Entende-se o significado do momento presente, sem retorno, perfeitamente irreversível. E assim, procura-se, fora de todos os compromissos, as soluções que dão a cada momento a sua plenitude na história dos homens.

A atitude "contemplativa" perante o mundo faz-nos comungar nas fontes mesmas da vida, liberta-nos da pressão limitativa do imediato como impede que nos anquilosemos nas posições adquiridas, dá grandeza à defesa dos princípios como confere serenidade ao combate pela realidade, suscita a veneração pela experiência reelaborada em reflexão séria como desperta o ~~entendimento~~ entendimento e o entusiasmo pelas expressões novas do pensamento e da vida - envolve os homens para além das diferenças de gerações num abraço comum onde irmãos se encontram, se reconhecem e se amam.

